

# Retração chinesa: ela vem mesmo?

FMI sugere maior combate à inflação

**H**á nos se discute sobre o fantástico crescimento chinês e os seus reflexos sobre a economia internacional. Enquanto alguns setores ficam alarmados, outros ficam aliviados em ter na China um grande mercado consumidor, ainda em expansão.

No segundo trimestre de 2011 o país cresceu 9,5%, um pouco abaixo dos 9,7% dos primeiros três meses do ano, mas as expectativas eram de que este crescimento fosse menor, em virtude das medidas restritivas que o governo chinês vem adotando.

Acontece que a indústria ainda não sentiu essas medidas restritivas e manteve um ritmo acelerado em junho com elevação de 15,1%, contribuindo para que o PIB se mantenha aquecido e dando margem para que o governo mantenha a linha austera de combate à inflação.

A inflação atingiu 6,4% e o governo elevou mais uma vez a taxa de juros e o depósito compulsório dos bancos, e pode ser que uma dessas medidas continue a ser tomada caso a inflação continue a pressionar.

O que se comenta agora é se o modelo chinês de crescimento é sustentável no longo prazo. A capacidade da indústria já está no limite e continuam sendo feitos investimentos para o aumento dela. Porém, os números do consumo das famílias, mesmo altos, parecem não acompanhar este ritmo, o que preocupa.

Com isso, o reflexo de uma menor produção

industrial poderá ser sentido, até para equilibrar a economia. Mas será que isto significa desaceleração na economia?

O FMI pressiona o governo chinês para manter as medidas restritivas para o combate à inflação. Com os preços das commodities em alta e uma forte demanda internacional, a pressão sobre os preços ainda é grande e vamos ver quando as medidas começarão a surtir efeito sobre a inflação, mas sem prejudicar a economia, tanto na indústria quanto no consumo. Espera-se que o crescimento chinês seja mais equilibrado entre consumo e investimento.

Porém, o medo maior do mercado, além da inflação, está num perigo de estouro de uma bolha imobiliária. Como os chineses preferiram tirar da poupança, que vinha sendo "comida" pela inflação, e procurar imóveis, houve um investimento maciço na indústria imobiliária e o que se teme agora é que os empréstimos não sejam honrados e que este "boom" esteja chegando ao fim, o que traria reflexos também na indústria.

É aí então que reside a "aposta" dos analistas em uma pequena desaceleração no PIB do país. O FMI ainda não acredita em uma bolha imobiliária, mas pelo seu relatório, se mostrou atento aos reflexos do setor na economia. Parece que realmente o Fundo está mais preocupado com a inflação e com a moeda chinesa desvalorizada artificialmente.

Seria interessante uma valorização da moeda, mais intensa do que no ritmo que vêm ocorrendo mais de um ano após a "flexibilização", o que atenderia inclusive um anseio americano antigo. Porém, o governo chinês não fará alterações significativas no câmbio e ainda mantém um alto superávit na balança comercial.

